

Revisão de Literatura**Estudos toponímicos na região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul****Toponymic studies at the Italian colonization region in the Northeast of Rio Grande do Sul***Kleber ECKERT**

RESUMO: Este artigo tem como tema os estudos toponímicos da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul – RCI, e o principal objetivo é apresentar, numa perspectiva comparativa, todas as pesquisas já realizadas sobre a região em nível de pós-graduação de 2010 a 2018. Entre os topônimos abordados estão nomes de ruas, bairros, localidades, escolas e cidades pertencentes à RCI. Em síntese, o que mais se destaca a partir da análise empreendida, é a relação entre os topônimos e as marcas culturais da imigração italiana, que foi o principal grupo étnico-linguístico a colonizar os atuais 58 municípios da RCI.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia. RCI. Imigração italiana.

ABSTRACT: This paper has as its subject toponymic studies from the Italian Colonization Region in the Northeast of Rio Grande do Sul – ICR. The main purpose is to present, in a comparative approach, all the research already done about the region in postgraduate levels from 2010 to 2018. Among the toponyms included in this paper are the names of streets, neighborhoods, locality, schools, and cities belonging to ICR. In synthesis, the highlight from the undertaken analysis is the relation between the toponyms and the cultural marks from Italian immigration, which is the main ethnical-linguistic group to colonize the current 58 counties in ICR of the article, abstract of the article.

KEYWORDS: Toponymy. ICR. Italian Immigration.

* Doutor em Letras pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – Campus Bento Gonçalves. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6436-1193>. klebereckert@hotmail.com

1 Introdução

O tema do presente texto é, em sentido amplo, o estudo da toponímia na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul¹, doravante RCI, e o principal objetivo é sistematizar, numa perspectiva comparativa, todos os estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul. Objetiva-se, ainda, verificar em que medida a presença do elemento étnico italiano se manifesta nos nomes dados aos lugares da região, isto é, como se dá a relação entre elementos culturais decorrentes da cultura da imigração italiana e os topônimos regionais.

Trata-se, neste caso, não de um artigo derivado de um projeto de pesquisa, e que objetiva divulgar resultados advindos desse projeto, mas de um texto que quer colocar à disposição da comunidade acadêmica uma síntese do conhecimento que foi produzido numa determinada área, qual seja, os estudos toponímicos da RCI. O artigo inspirou-se metodologicamente em Seide (2016), que afirma que esse modelo de artigo não é muito utilizado na área dos Estudos Linguísticos, mas o é em outras áreas do conhecimento. Para a pesquisadora, esse tipo de publicação “é valorizada como um meio rápido de acesso à informação científica sobre um determinado tópico” (SEIDE, 2016, p. 1145).

Ressalta-se que os estudos toponímicos realizados na Universidade de Caxias do Sul foram introduzidos e coordenados pela professora Dra. Vitalina Maria Frosi que, a partir de 2007, passou a desenvolver um grande projeto chamado TOPRCI – Toponímia da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. A ideia inicial era dividir esse projeto em projetos menores, cujos desdobramentos seriam: “Toponímia da Antiga Colônia I – TOPACI, Toponímia da Antiga Colônia II –

¹ Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, sua ocupação deu-se a partir de 1875, com a vinda dos primeiros imigrantes italianos e compreende, hoje, 58 municípios. Geralmente, o território ocupado por esses municípios é chamado pela sigla RCI “pela maioria dos estudiosos da história sociolinguística local” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 08).

TOPACII, Toponímia da Nova Colônia – TOPNOC e Toponímia da Novíssima Colônia – TOPNIC” (MISTURINI, 2014, p. 30). A partir desses projetos, diferentes estudos foram desenvolvidos, todos tendo a RCI como denominador comum.

Não é o objetivo aqui analisar o quanto de cada projeto foi desenvolvido ou o percurso tomado pela pesquisa na área da toponímia na referida universidade, mas mostrar para os interessados os temas que foram explorados em nível de pós-graduação por mestrandos e doutorandos, entre os anos de 2010 e 2018, especificamente sobre a RCI. Nesse sentido, a seguir, serão descritos os temas e os principais resultados alcançados em teses e dissertações. Em síntese, há estudos sobre os nomes das vias públicas de diversos municípios, classificados como estudos hodonímicos, como os de Sartori, (2010), Silva (2011), Cioato (2012) e Bertoletti (2016). Há pesquisas sobre os nomes de bairros, como as de Cioato (2012), Baretta (2012) e Misturini (2014). Há também pesquisas sobre os nomes de linhas e comunidades, conforme Cioato (2012); sobre os nomes de escolas, vistos em Dal Pizzol (2014) e os nomes dos 58 municípios que compõem a RCI, estudo desenvolvido por Misturini (2018).

Todas as pesquisas basearam-se teórica e metodologicamente na precursora dos estudos toponímicos brasileiros, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, mas também se ampararam em outros teóricos, tais como o francês Albert Dauzat e o português José Leite de Vasconcelos. Destaca-se, ainda, a forte presença de pesquisadores italianos, pela relação próxima da coordenadora dos projetos de toponímia com diferentes universidades italianas e pela própria relação histórico-linguística da RCI com a sua pátria-mãe.

2 Estudos toponímicos na RCI

Em Sartori (2010) podemos perceber a escolha da hodonímia, que é um dos microcosmos da toponímia, para fazer seus estudos. A autora analisa 18 hodônimos

da área central de Caxias do Sul, e sua pesquisa teve como principal objetivo “investigar os motivos que foram determinantes na escolha de nomes não italianos para designar o grupo de ruas centrais de Caxias do Sul e identificar as implicações sociais, políticas e econômicas que eles escondem” (SARTORI, 2010, p. 09). Em outras palavras, explicar por que das 18 ruas mais antigas de Caxias do Sul, apenas uma recebeu nome italiano, numa época em que a população do município era praticamente composta apenas por imigrantes italianos e seus descendentes.

A autora destaca que seu estudo parte dos pressupostos teórico-metodológicos de Dauzat (1926) e principalmente de Dick (1990), a partir de quem utiliza as taxionomias toponímicas, mas opta por não organizar fichas lexicográfico-toponímicas. Para constituir o *corpus* de pesquisa, foram utilizados documentos históricos, como processos, leis, decretos e atos da administração oficial. De posse do *corpus*, os *hodônimos* foram analisados etimologicamente, classificados semanticamente e descritos em pequenos textos explicativos.

Como resultados, os 18 *hodônimos* foram classificados em três categorias: 12 antropo-*hodônimos*, 4 axio-*hodônimos* e 2 historio-*hodônimos*, cujos nomes se referem, “em sua maioria, a heróis de guerras, seja a do Paraguai, seja a Revolução Farroupilha ou Federalista, e principalmente integrantes do Partido Republicano Rio Grandense (PRR)” (SARTORI, 2010, p. 52). Ademais, a ausência de nomes italianos na nomeação das ruas revela que esse grupo étnico não gozava de prestígio ou poder político, ou seja, “o ato de nomear quase sempre implica em uma relação de poder” (SARTORI, 2010, p. 53).

A autora conclui que os vultos da pátria, seja ela brasileira ou gaúcha, viraram meros referentes de localização, pois eles, mesmo sendo homenageados na denominação das ruas, não fazem parte da atmosfera que os circunda. Em relação à italianidade, Sartori (2010, p. 74) conclui que “os italianos foram forçados a se acostumar com a nova terra brasileira e, além de não ter expressão política, também

não se veriam representados ao longo dos caminhos que utilizassem, se estivessem em passagem pelas ruas centrais de Caxias do Sul”, ou seja, a negação de um nome revela, novamente, uma relação de poder.

Outra pesquisa que tem como tema os hodônimos de Caxias do Sul foi desenvolvida por Silva (2011), que analisou as denominações dos logradouros na perspectiva da identidade étnico-cultural, com destaque para as motivações que levaram a trocas de nomes no decurso da história. Com esse tema, entre os objetivos principais estão a descrição dos episódios das trocas de nomes; a explicação da identidade na denominação dos logradouros; o apontamento de indícios de retorno às origens étnicas italianas nas denominações dos espaços públicos. Entre os autores que deram sustentação teórica à pesquisa, a autora utilizou as taxionomias toponímicas de Dick (1990), mas optou por não utilizar as fichas lexicográfico-toponímicas em função da abordagem escolhida.

Para alcançar os objetivos propostos, a autora valeu-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, e, para tanto, além dos textos teórico-analíticos sobre a toponímia e a hodonímia, utilizou outras fontes, citadas a seguir: fontes primárias manuscritas do Arquivo Histórico Municipal, dos Arquivos da Câmara de Vereadores e do Livro de Actas da Intendência. A autora também utilizou fontes secundárias, como jornais e revistas que circularam em Caxias do Sul no século XX (SILVA, 2011, p. 82).

Entre as primeiras conclusões a que a pesquisadora chegou foi que, no início do desenvolvimento de Caxias do Sul, houve uma espécie de descompasso entre os hodônimos e o contexto cultural e a vontade do povo: “a imensa maioria da população era composta por imigrantes italianos e, apesar disso, os nomes que designaram as primeiras vias e praças não se relacionavam com o povo que colonizara tal espaço” (SILVA, 2011, p. 72). Depois, na época do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, os ítalo-descendentes viram sua identidade em conflito, vendo-se obrigados a escolher

um lado: a pátria de origem ou a pátria que os acolhera. Novamente, a ideia de escolher um dos lados também se manifesta na escolha dos nomes das ruas: “A escolha dos hodônimos, nessa época, serviu de indício de demonstração de um grupo étnico ou de outro. Denominar passa a ser motivo de disputa política, baseada e refletida na identidade étnica em questão” (SILVA, 2011, p. 73).

Um terceiro aspecto tem a ver com o período pós-guerra, quando a Itália consegue se reconstruir, passa a se desenvolver e torna-se um país de primeiro mundo. Nesse momento, o sentimento de pertencimento ao grupo étnico italiano, mesmo pensando numa Itália mítica, vai se tornando algo importante para os ítalo-brasileiros. Nesse contexto, a valorização desse grupo étnico processa-se também nos hodônimos caxienses, pois, conforme a autora “É a partir da década de 60 do século passado [...] que ocorre uma explosão de denominações de ruas, praças e avenidas utilizando nomes de origem italiana” (SILVA, 2011, p. 73). Por fim, a pesquisadora afirma que após 1975, ano que marca o centenário da imigração italiana na RCI, “dar um nome de origem italiana a um logradouro é garantir status social, uma vez que, por meio do nome, atribui-se a ele tudo aquilo de positivo que ser um descendente de um país europeu significa” (SILVA, 2011, p. 74).

Cioato (2012), além das ruas, estuda os bairros, linhas² e comunidades do município de São Marcos, e chega ao total de 299 topônimos analisados. O objetivo principal do estudo foi fazer um levantamento toponímico completo dos espaços citados acima, a fim de relacionar a motivação toponímica à realidade social e cultural dos habitantes de São Marcos. Para proceder à análise de todos os topônimos identificados, a autora também utilizou as taxionomias propostas por Dick (1992),

² Também chamados de travessões, as linhas eram demarcações feitas à época da distribuição das terras aos imigrantes italianos e, a partir delas, os lotes coloniais eram numerados. Frosi e Mioranza (2009, p. 50) ressaltam que essas demarcações “eram feitas, em geral, sobre mapas, não respeitando acidentes geográficos, a não ser os de maior relevo, como o Rio das Antas e afluentes.” A partir dessas linhas formaram-se as primeiras comunidades, com destaque para a construção das capelas destinadas à prática religiosa.

embora não tenha organizado a sua análise a partir de fichas lexicográfico-toponímicas.

Entre os 299 topônimos estudados, estão os nomes de 10 linhas, 16 comunidades, 9 bairros e 264 ruas. Os nomes foram levantados em mapas oficiais da prefeitura municipal, e a busca pelas motivações toponímicas foi baseada em leis e processos de denominação da Câmara de Vereadores, em textos históricos sobre o município e em entrevistas. A autora justifica a importância da análise dos nomes das linhas e comunidades, embora estejam em número bem inferior ao das ruas, por serem extensões territoriais maiores e amplamente conhecidas pela população de São Marcos, o que nem sempre acontece com os nomes das ruas (CIOATO, 2012).

Como principais resultados, a autora destaca o predomínio de topônimos de natureza antropocultural (92%) em detrimento dos de natureza física (8%), e justifica que trata-se de “uma tendência geral da toponímia urbana, pois aí há aglomerações de pessoas que buscam motivação nos fatos relacionados à cultura [...], buscando, geralmente, homenagear pessoas com significativo valor sócio-histórico para a região” (CIOATO, 2012, p. 46). Nesse sentido, percebe-se um elevado percentual de antropotopônimos nas linhas, bairros e ruas do município, cujos números ficam em 60%, 56% e 75%, respectivamente. Conforme a autora, mais de 90% das pessoas homenageadas foram moradores da região, o que acaba por criar uma identidade regional.

Outro aspecto a se destacar é a presença de marcas de italianidade nos topônimos de São Marcos, uma vez que esse foi o principal grupo étnico a colonizar o território do atual município. Uma dessas marcas está nos sobrenomes italianos dos antropotopônimos, que chegam a 86% do total e são uma homenagem aos “imigrantes italianos e seus descendentes que viveram e trabalharam no município” (CIOATO, 2012, p. 75). E, finalmente, uma segunda marca identifica-se nos nomes das comunidades, classificadas, em sua maioria (88%) como hagiotopônimos. Assim, se

percebe o mesmo fenômeno já mencionado em outros estudos da RCI sobre a importância da fé católica do imigrante italiano, que se reflete também na toponímia. Para a autora “a forte influência religiosa na escolha dos nomes das comunidades demonstra a devoção aos santos dos primeiros moradores que as nomearam” (CIOATO, 2012, p. 51).

Outra autora que se dedicou a estudar as denominações dos espaços públicos de uma cidade foi Bertoletti (2016), que analisou 45 diferentes topônimos do município de Cotiporã. O objetivo geral do estudo foi investigar e analisar interdisciplinarmente os nomes da cidade de Cotiporã, com destaque para os nomes das ruas, a fim de compreender a relações desses topônimos com a história da localidade. A autora também utilizou as taxionomias propostas por Dick (1990) e adaptou as fichas lexicográfico-toponímicas a partir do modelo de Dick (2004) para fazer os registros etimológicos, lexicais, históricos, enciclopédicos, entre outros.

Para fazer o levantamento completo dos dados a serem analisados, a autora buscou documentos que contivessem a história da localidade na prefeitura, na câmara de vereadores e na paróquia da cidade-mãe, ou seja, no município Veranópolis. Após, amparou-se em documentos e atos oficiais da prefeitura de Cotiporã, principalmente naqueles de atos denominativos de nomes de ruas, e também entrevistou um ex-prefeito que acompanhou a evolução do município.

Entre os resultados, destaca-se um elevado número de taxes de natureza antropocultural (mais de 90%), em detrimento das de natureza física, o que revela que a atividade humana é fator importante para a nomeação dos espaços de Cotiporã. Em relação aos nomes de ruas, 56% podem ser classificados como antroponímicos e, destes, quase um quarto fazem referência a nomes de imigrantes italianos ou de seus descendentes que foram moradores da localidade. Conforme a autora, isso se explica “não só pelo fato de a cidade ter sido formada, principalmente, por italianos e seus descendentes, como também pelo desejo de homenagear pessoas que prestaram

relevantes serviços à comunidade, promovendo seu desenvolvimento” (BERTOLETTI, 2016, p. 115).

Como o principal grupo étnico a ocupar os espaços de Cotiporã foram os imigrantes italianos e seus descendentes, notam-se as marcas dessa italianidade também na toponímia: 69% dos topônimos têm relação com a italianidade. Por outro lado, a presença dos santos de devoção, tão presentes na cultura do imigrante italiano e de seus descendentes, não transparece nos topônimos de Cotiporã, onde não se identificou nenhuma referência a santos e santas do hagiológico romano, embora a pesquisadora tenha levantado três ruas que foram homenageadas com os nomes de padres que atuaram na localidade.

O estudo de Baretta (2012) enfocou os nomes dos 26 bairros e dos 4 distritos do município de Farroupilha, procurando a motivação toponímica dos mesmos, além de uma análise dos nomes que foram preservados ao longo do tempo e também aqueles que foram alterados. Conforme o autor, a pesquisa objetivou, principalmente, a investigação de aspectos históricos, socioculturais e políticos que estavam envolvidos na determinação dos topônimos. Para fazer os registros, o autor se baseou nas taxionomias propostas por Dick (1990) e optou pela ficha lexicográfico-toponímica (DICK, 2004), já utilizada e adaptada para inúmeros outros estudos da toponímia.

A partir dos dados levantados no mapa oficial do município e com base na análise morfológica, etimológica, enciclopédica e histórica dos 30 topônimos, o autor chegou a 13 taxionomias, com destaque para os hagiotopônimos, que ocupam 27% do total. Segundo o autor, os nomes de santos escolhidos para nomear os bairros “são nomes de santos dos quais os imigrantes eram e os descendentes ainda são devotos” e essa presença maciça de hagiotopônimos revela “um dos traços culturais mais marcantes dos habitantes do local e de seus antepassados, a sua fé católica” (BARETTA, 2012, p. 57).

Numa outra perspectiva de análise dos nomes dos bairros, o autor chegou à conclusão de que 50% deles têm a ver com o tema da etnia italiana, que foi o principal grupo étnico a ocupar o município de Farroupilha. Além disso, o estudo revelou que muitas das propostas oficiais de mudança de nomes não foram aceitas pela comunidade, com destaque, novamente, para os hagiotopônimos e para aqueles relacionados ao tema da italianidade. Em síntese, a presença do grupo étnico italiano, responsável pela colonização do município, deixou as principais marcas nos nomes dos bairros e distritos de Farroupilha.

Outro estudo a focar nomes de bairros pode ser visto em Misturini (2014), que estudou os topônimos em Bento Gonçalves, analisados a partir de fatores linguísticos, históricos e culturais. O objetivo principal da pesquisa foi a investigação dos nomes dos bairros, relacionando as motivações toponímicas com a história e a cultura do município, a fim de refletir sobre os princípios norteadores das escolhas dos topônimos. Assim como no estudo anterior sobre os nomes dos bairros, este trabalho levou em conta as taxionomias de Dick (1990) e também a utilização da ficha lexicográfico-toponímica (DICK, 2004), para fazer os registros concernentes ao topônimo analisado.

Para chegar ao *corpus* de análise, o autor se baseou em quatro leis municipais de Bento Gonçalves, que criaram os 46 bairros existentes no município. Para alcançar os objetivos, além da consulta a documentos oficiais da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores de Bento Gonçalves, o autor efetuou a revisão bibliográfica sobre a toponímia do município, bem como realizou entrevistas com moradores dos bairros estudados para que se esclarecessem denominações sobre as quais pairava alguma dúvida.

Em sua análise, Misturini (2014) destaca a presença elevada de hagiotopônimos e de hierotopônimos, cujo percentual chega a 35% do total dos nomes dos bairros. Nesse sentido, o autor relaciona a história de colonização de Bento Gonçalves por

imigrantes italianos e a profissão da fé católica: “o grande número de bairros com motivação religiosa [...] pode ser explicado pelo fato de os imigrantes italianos sempre terem demonstrado grande apego à religião” (MISTURINI, 2014, p. 98).

Um segundo aspecto da presença de elementos culturais fortemente influenciados pelo elemento étnico italiano é a atividade econômica relacionada à plantação da uva e à indústria do vinho, que se reflete nos nomes de 13% dos bairros de Bento Gonçalves, ainda que se classifiquem em diferentes categorias taxionômicas. Finalmente, há ainda a identificação de 7% dos topônimos que se relacionam explicitamente à presença do elemento italiano em Bento Gonçalves, seja por menção aos próprios imigrantes ou a vocábulos em língua italiana.

Ainda no município de Bento Gonçalves, Dal Pizzol (2014) se debruça sobre os nomes das 47 escolas públicas e privadas, de Ensino Fundamental e Médio, e apresenta como objetivo investigar a origem linguística e a importância histórica e cultural dessas denominações. A autora objetiva ainda verificar de que forma fatores linguísticos, históricos, culturais, identitários, regionais e ideológicos de determinada sociedade podem influenciar na escolha dos nomes das escolas. A classificação dos nomes está baseada nas taxionomias propostas por Dick (1990) e também é utilizada a ficha lexicográfico-toponímica adaptada de Dick (2004) para fazer os registros etimológicos, lexicais, morfológicos, históricos e enciclopédicos.

Para organizar o *corpus* a ser analisado, a pesquisadora, além de visitas constantes à Secretaria Municipal de Educação, à Coordenadoria Regional de Educação e às próprias escolas, baseou-se em fontes documentais, tais como leis, decretos, atos e atas de designação e denominação. Para ampliar os dados sobre os nomes das escolas, também ocorreu pesquisa em outras fontes documentais, como livros e páginas web (DAL PIZZOL, 2014, p. 47).

Em relação às taxionomias, a pesquisadora identificou 46 taxes de natureza antropocultural e apenas uma de natureza física, o que pode revelar que as instituições

de ensino, que são de natureza eminentemente cultural, também são nomeadas pela presença da atividade humana. Entre os padrões motivadores dos nomes, a maioria das escolas recebeu nomes próprios de pessoa, sejam eles classificados como antropotopônimos (13) ou axiotopônimos (20), que “que acabam por conservar parte da história nacional, regional e local da comunidade” (DAL PIZZOL, 2014, p. 129). Esses vultos históricos pertencem à história nacional, estadual mas também local, com destaque para o expressivo número de denominações escolares que fazem alusão a professores que atuaram em Bento Gonçalves.

Houve também destaque para as escolas cujos nomes decorrem de motivação religiosa, que é uma das marcas de identidade regional, como os hagiotopônimos (5) e os hierotopônimos (4), o que é atribuído pela autora a duas razões: a) a devoção religiosa, fortemente presente numa comunidade predominantemente católica; b) a “instituição religiosa responsável pela fundação dos estabelecimentos, preservando valores religiosos católicos das congregações que se instalaram na cidade” (DAL PIZZOL, 2014, p. 114). Ao analisar a evolução denominativa ao longo do tempo, a autora percebeu esta mudança: dos anos 1930 a 1950, a tendência era homenagear vultos históricos nacionais e estaduais; dos anos 1950 a 1970, houve um equilíbrio entre esses vultos e vultos locais; a partir dos anos 1980, passou a haver um predomínio em nomear as escolas com nomes de pessoas nascidas ou que viveram no município de Bento Gonçalves.

Por fim, a pesquisadora percebeu diferenças entre a nomeação de escolas públicas e privadas: aquelas homenageiam vultos históricos nacionais, estaduais ou locais; enquanto estas “preservam em suas denominações os valores religiosos da entidade confessional que as fundou ou remetem ao grupo que as apoiou nos sentidos financeiro e/ou educacional” (DAL PIZZOL, 2014, p. 130). Além das ideologias relacionadas de culto ao nacional ou de devoção religiosa, a autora constata que a valorização do trabalho é fator recorrente na escolha dos nomes das escolas bento-

gonçalvenses: “O reconhecimento daqueles que se destacaram pela sua ocupação ou que se dedicaram a trabalhar na construção e no crescimento da cidade resultou nas denominações motivadas por profissões, principalmente, de professores” (DAL PIZZOL, 2014, p. 130).

Misturini (2018) aborda como tema de sua pesquisa os nomes dos 58 municípios pertencentes à RCI, envolvendo fatores linguísticos, históricos e culturais. Para o pesquisador, o trabalho poderá contribuir com um futuro Atlas Toponímico do Rio Grande do Sul, estado que ainda não tem um projeto dessa magnitude em curso. O objetivo principal do trabalho é “investigar, por meio da leitura dos topônimos, a significação, a motivação e a classificação dos nomes dos municípios da RCI, relacionando-os principalmente com a história e a cultura regional e/ou nacional” (MISTURINI, 2018, p. 21).

O *corpus* de análise foi composto, como já citado, pelos 58 municípios da RCI, num levantamento realizado por Frosi e Mioranza (2009, 2013) e por Misturini (2016). O autor utilizou as taxionomias propostas por Dick (1992) e adaptou a ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004) para fazer o seu estudo. Quanto à ordem da análise, não foi usada a ordem alfabética dos 58 topônimos, e sim uma ordem histórica, de acordo com o ano de criação de cada município, composta pela seguinte divisão: Primeira República ou República Velha (1889-1930); A Segunda e a Terceira Repúblicas ou a Era Vargas (1930-1945); A Quarta República ou a República Populista (1945-1964); A Quinta República ou a Ditadura Militar (1964-1985); A Sexta República ou Nova República (a partir de 1985).

Para a busca das informações acerca dos topônimos, o autor valeu-se de diferentes publicações sobre o histórico da RCI. Além disso, realizou consultas a dados oficiais no IBGE, acessou os sites das prefeituras municipais, analisou leis e decretos e utilizou consultas a dicionários etimológicos. Em relação às taxionomias, Misturini (2018) percebe que o maior número pertence aos historiotopônimos, num total de 14

ocorrências. O autor observa que, apesar de serem municípios localizados na RCI, há pouca relação desses topônimos com a história da imigração italiana: os nomes homenageiam a Revolução Farroupilha, ex-governadores do Rio Grande do Sul, personalidades políticas do Estado, entre outros (MISTURINI, 2018, p. 250-1).

A segunda categoria mais presente é a dos antropotopônimos (7) e, novamente, há pouca relação com a cultura da imigração italiana, já que a maioria dos nomes não tem relação com a italianidade. Os cronotopônimos também aparecem em número de 7 e, neste caso, a maioria evoca localidades italianas de onde provieram os imigrantes. O autor ainda destaca a presença de hagiotopônimos, pois a religião católica é uma marca cultural significativa para os imigrantes italianos e seus descendentes. Em resumo, 47 topônimos são classificados como de natureza antropocultural, nos quais “aspectos relacionados à italianidade aparecem com certa expressão” e apenas 11 de natureza física, nos quais “não há nenhuma que tenha sofrido influência da cultura de imigração” (MISTURINI, 2018, p. 255).

Por fim, Misturini considera baixo o número de topônimos com resquícios de influência da imigração italiana (apenas 29,3%), mas observa que, se fossem analisados os nomes anteriores das localidades, esse percentual aumentaria para 53,4%, o que mostra “a força que a política exerceu sobre a toponímia – seja por meio do silenciamento imposto durante a Era Vargas ou então nas mudanças feitas a fim de atender a anseios governamentais” (MISTURINI, 2018, p. 262-3). O pesquisador reitera a importância de estudos como este sobre a RCI, a fim de, no futuro, contribuir com a elaboração de um Atlas Toponímico Estadual.

3 Considerações finais

Em primeiro lugar, avalia-se que o objetivo principal do presente texto tenha sido atingido, uma vez que foi possível fazer uma análise sistemática de todos os estudos de toponímia realizados sobre a RCI no Programa de Pós-Graduação em

Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul. Com base nesses estudos, chegou-se a algumas conclusões que discutem a relação entre os nomes dos lugares na RCI e o principal grupo étnico que a ocupou: os imigrantes italianos e seus descendentes. Dessa forma, estas considerações finais dividem-se em três grandes aspectos relacionadas à italianidade: a presença de sobrenomes italianos nos antropotopônimos; as marcas da fé católica nos hagiotopônimos; e outros temas relacionados à cultura da imigração italiana.

Na área dos antropotopônimos, há duas visões discrepantes acerca dos sobrenomes com os quais se nomeiam lugares na RCI. A primeira é uma ausência quase total de sobrenomes italianos nas ruas centrais de Caxias do Sul, as quais foram nomeadas numa época em que os habitantes da cidade eram praticamente todos imigrantes ou descendentes de italianos, em oposição a vultos históricos nacionais e estaduais (SARTORI, 2010). O mesmo ocorre com os nomes dos municípios da RCI, ou seja, os antropotopônimos presentes guardam pouca relação com a italianidade (MISTURINI, 2018).

A segunda visão traz o oposto, pois na segunda metade do século XX ocorre uma espécie de escalada dos sobrenomes italianos na nomeação de ruas de Caxias do Sul, numa época em que a italianidade se relaciona aos imigrantes que construíram a história da cidade, mas também à questão de identidade: ter origem num país que se reconstruiu no pós-guerra e que se alçou ao primeiro mundo (SILVA, 2011). Em São Marcos e Cotiporã verifica-se uma tendência semelhante, embora traçada numa perspectiva diferente: há um grande número de antroponímicos com sobrenomes italianos, com o intuito de valorizar a cultura regional através dos nomes dos líderes e precursores das respectivas localidades.

Outro tema caro para o imigrante italiano é a religiosidade, professada pela religião católica e, de acordo com Frosi (2015, p. 106), “a vida devia ser pautada conforme os ditames da Igreja Católica”. Essa visão reflete-se, em diferentes análises,

nos nomes dos lugares estudados na RCI, seja como hagiotopônimos, seja como hierotopônimos. Nas comunidades de São Marcos, os nomes relacionados à questão religiosa chegam a quase 90% (CIOATO, 2012); nos bairros de Farroupilha, são 27% (BARETTA, 2012) e nos bairros de Bento Gonçalves chegam a 35% (MISTURINI, 2014). No caso dos nomes das escolas de Bento Gonçalves, Dal Pizzol (2014) identificou duas vertentes que têm a ver com questões religiosas: o nome atribuído em função do santo de devoção e atribuído em função da instituição religiosa responsável pela escola.

Além desses casos, Bertolotti (2016) curiosamente não identifica nenhum hagiotopônimo no município de Cotiporã, mesmo que ele tenha sido colonizado primordialmente por imigrantes italianos, o que se caracteriza como uma visão discrepante do restante da RCI estudada. Nos nomes dos municípios que compõem a RCI, Misturini (2018) identifica alguns hagiotopônimos, o que converge para a visão do imigrante italiano, mas ressalta que esse grupo não é de longe a principal taxionomia encontrada.

Além dos antropotopônimos e dos hagiotopônimos, identificaram-se outras marcas da cultura na imigração italiana nos nomes estudados na RCI. No caso dos bairros de Bento Gonçalves, Misturini (2014) identifica diversos nomes relacionados à indústria da uva e do vinho, além de vocábulos provindos diretamente da língua italiana. No caso das escolas de Bento Gonçalves, há vários nomes diretamente vinculados a vultos históricos locais, sobretudo professores, com destaque para a dedicação ao trabalho, que é também uma marca muito forte do elemento étnico italiano (DAL PIZZOL, 2014).

Na análise dos nomes dos bairros de Farroupilha, Baretta (2012) identificou mais da metade dos topônimos relacionados a algum elemento ligado à italianidade, o que revela a força desse grupo étnico na nomeação dos lugares daquele município. Já nos nomes dos municípios da RCI, Misturini (2018) destaca alguns cronotopônimos, que evocam localidades com o mesmo nome da Itália; mas, em geral, nessa região são

poucos os topônimos com referências explícitas à italianidade e, se as havia antigamente, foram sofrendo um processo de apagamento pelas relações de poder ao longo do tempo.

Por fim, nesta breve análise dos trabalhos de pesquisa realizados sobre a toponímia da RCI, percebeu-se uma riqueza de elementos linguísticos, históricos e culturais envolvidos na nomeação dos lugares, escondidos, muitas vezes, nas camadas do tempo. A partir desses estudos, evidencia-se, de igual maneira, um amplo campo de pesquisa que ainda está para ser desenvolvido na toponímia da RCI, seja na análise dos nomes de bairros, comunidades de interior e ruas que compõem os 58 municípios da região.

Descortinam-se, portanto, possibilidades de análise dos nomes das ruas e dos bairros de mais de cinquenta cidades da RCI; e, em relação a outros nomes, como os de comunidades do interior dos municípios, percebe-se igualmente um espaço de pesquisa a ser desenvolvido, pois os estudos realizados até o momento são representativos de apenas algumas poucas localidades. Assim talvez se chegará à análise dos nomes de todos os topônimos da RCI para que possa haver a constituição de um atlas toponímico completo da região.

Referências Bibliográficas

BARETTA, R. C. **Estudo toponímico dos bairros e distritos de Farroupilha - RS**. 2012. 73 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

BERTOLETTI, F. E. V. **A crônica de um povo: a toponímia na cidade de Cotiporã**. 2016. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

CIOATO, F. B. **Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas**. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

DAL PIZZOL, E. V. **Os nomes das escolas da cidade de Bento Gonçalves: uma perspectiva onomástico-cultural**. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

DAUZAT, A. **Les noms de lieux**. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, M. V. de P. do A. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.

DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. *In*: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). **As ciências do léxico**. 1 ed. v. II. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. 2 ed. Caxias do Sul: Educs, 2009.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros no nordeste do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2013.

FROSI, V. M. **Provérbios italianos: pérolas na educação informal dos ítalo-brasileiros**. Caxias do Sul: Educs, 2015.

MISTURINI, B. **A toponímia em Bento Gonçalves: um estudo interdisciplinar sobre os bairros da cidade**. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

MISTURINI, B. Influências da imigração italiana na toponímia Bento-Gonçalvese. *In*: FROSI, V. M.; MISTURINI, B. (org.). **Imigração italiana: estudos e pesquisas**. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 225-240.

MISTURINI, B. **A formação de uma região: leituras das marcas de colonização italiana nos topônimos do Nordeste do Rio Grande do Sul**. 2018. 287 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.

SARTORI, T. O. **Ruas de minha cidade**: um estudo hodonímico. 2010. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

SEIDE, M. S. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, p. 1146-1171, 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-19>

SILVA, M. D. P. **A razão de nomear**: o papel da identidade étnica na denominação dos logradouros de Caxias do Sul. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

Artigo recebido em: 02.07.2020

Artigo aprovado em: 27.07.2020